

Economia

de Comunhão

uma nova cultura

"... um bem econômico é resultado de relações humanas..."

E^d
C



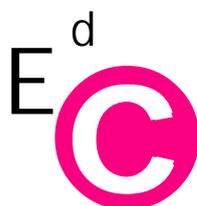
ECONOMIA DE COMUNHÃO
 uma nova cultura
 Ano X – nº 2 – junho 2004
 Suplemento da Revista Cidade Nova

Diretor responsável: Alberto Ferrucci

Endereço para correspondência:
 R. Igino Giordani, 176
 06730-000 – Vargem Grande Paulista – SP
 Fone (11) 4158.1017
 czfginetta@node1.com.br

Impressão:
 Paulus Gráfica

3	Protagonistas de uma profecia	Alberto Ferrucci
4	Mover os bens, movendo os corações	Chiara Lubich
6	Quando o empresário EdC tem algo de artista	Luigino Bruni
8	A Economia de Comunhão na Costa do Marfim	Geneviève Sanze
9	Porquê atuar na EdC	André Penazzi
10	Pólo Lionello: em que ponto estamos?	Giovanni Mazzanti
11	Partilhar na fraternidade	Benedetto Gui
12	Cartas do Mundo	Carla Bozzani
13	Dez anos de monografias sobre a EdC	Antonella Ferrucci
17	As sete cores de Arco-Íris	Filipe Coelho
18	Olhar para o Céu	Alberto Ferrucci
22	A economia, a felicidade e os outros	Vittorio Pelligra
25	As inúmeras qualidades do azeite de oliva	Annie Abbo
26	Diálogo com os leitores	Alberto Ferrucci





Protagonistas de uma profecia

Recentemente, em Piacenza – Itália – reiniciaram as chamadas “Escolas para os empresários EdC”, como nós costumamos chamar. Na verdade não se trata de uma escola de gerenciamento e administração de empresas nem de um espaço no qual se ensina a trabalhar segundo os princípios da Economia de Comunhão, porque ainda não conhecemos pessoas que possam ser consideradas mestres neste setor.

Nesses encontros, apresenta-se uma reflexão espiritual que norteia uma posterior partilha das experiências vividas pelas empresas, reflexões de estudiosos em Economia e momentos de perguntas e respostas. Há um intercâmbio de conhecimentos, uma instrução recíproca com o intuito de criar juntos uma cultura econômica a ser proposta no lugar da atual prática econômica prevalente, permanecendo na economia de mercado.

Portanto, esses encontros são um espaço no qual dirigentes de grandes empresas junto com neo-empresários, estudantes e estudiosos de Economia – mais do que tentar entender “como” trabalhar na Economia de Comunhão – procuram aprofundar o “porquê” trabalhar de tal maneira: logo, mais do que *know-how*, trata-se de *know-why*.

Tendo ficado claro o “porquê” de termos enveredado por este caminho, nos momentos de decisão lembraremos como que é possível voltar às condições que muitas vezes nos permitiram discernir o rumo certo: tomando a iniciativa no amor, para introduzir na empresa o amor recíproco; amor que traz do Céu até nossa empresa a atenção do nosso divino sócio escondido. Por muitas vezes, as dificuldades de cada dia suscitam preocupações que nos levam a acreditar que estamos perseguindo uma utopia irrealizável; só a confiança com o nosso Sócio, vendo como ele age com concretude por caminhos inimagináveis, nos confirma que estamos cooperando para antecipar a realização de uma profecia.

Hoje, com efeito, é mais fácil acreditar que a EdC é uma profecia do que 12 anos atrás, quando o projeto foi lançado. Aliás, ficou muito mais claro depois dos acontecimentos desses dois últimos anos, que nos levam a prever um futuro muito nebuloso para o mundo, se não prevalecer uma cultura de comunhão e de fraternidade em âmbito mundial. Mas para que esta possa se afirmar, é preciso que haja homens e mulheres de boa vontade.

A nós, empresários do projeto EdC nos é pedido para atuá-lo com eficácia nas nossas empresas e nos relacionamentos com as outras empresas do projeto, para demonstrar que é realmente possível viver a comunhão também na economia, confirmando que este novo comportamento econômico se alicerça em uma racionalidade mais ampla, que antecipa um modo de atuar que se tornará imprescindível em um futuro sustentável.

Alberto Ferrucci

alberto.ferrucci@prometh.it

A nossa tarefa é tornar a nossa empresa um espaço de comunhão; para isso podem nos ajudar as experiências e os desenvolvimentos particularmente importantes que apresentamos neste fascículo e que ocorreram nos últimos anos, como o do Consórcio Roberto Tassano, de Sestri Levante, que emprega mais de mil pessoas; e a experiência de uma pequena empresa africana que percorre este caminho mesmo que mergulhada em uma difícil situação.

A nossa missão, portanto, é – principalmente na Itália – contribuir com profissionalismo e recursos na construção do Pólo Lionello, próximo à Mariápolis de Loppiano, junto com os seus mais de três mil acionistas. O objetivo é que, em pouco tempo, o Pólo esteja repleto de empresas que prosperem atuando na dimensão da comunhão; e que sejam uma exposição permanente deste novo agir econômico: que ele se torne, como o Pólo Spartaco, no Brasil, um “templo leigo” desta nova cultura.

Tudo o que conseguirmos fazer, com os sucessos e os fracassos das nossas empresas, não será útil somente para nos levar a percorrer o caminho da santidade por meio do trabalho, que Chiara nos propõe, mas nos dará as premissas para construirmos os alicerces da nova visão da Economia atual, extremamente necessária ao mundo inteiro.

Movendo os bens, movendo os corações



Chiara Lubich

Prêmio
Cidade de Castelgandolfo 2002

Castelgandolfo,
13 de abril de 2003

(...) Todos conhecemos a situação atual que pesa sobre o nosso planeta: em primeiro lugar, o terrorismo. De fato, ele é consequência da obscura força do Mal, com M maiúsculo, como várias vezes advertiu João Paulo II. Mal este que convida as forças do Bem, com B maiúsculo, a entrarem em ação: Deus acima de tudo e de todas as coisas que têm suas raízes nele, o modelo do espírito, dos grandes valores, da oração. Esta é a razão do maravilhoso evento de Assis, no ano passado.

Mas, se um novo modo de viver, se o diálogo inter-religioso, especialmente com o mundo árabe, e a oração são indispensáveis para tentar conter este terrível fenômeno, mesmo assim, parece que tudo isso ainda não é suficiente.

Sabemos que uma das suas mais profundas causas é o desequilíbrio existente no mundo entre os países ricos e os países pobres. É esta insuportável divisão do planeta em duas partes que gera ressentimento, vingança e manifestações de terror.

É preciso suscitar no mundo uma comunhão de bens mais justa e a solidariedade entre todos. Mas sabemos que os bens não se movem sozinhos. É preciso antes mobilizar os corações, difundindo, da forma mais ampla possível, a idéia e a prática da fraternidade; e, considerando a amplitude do problema, é preciso que haja uma fraternidade universal.

A Economia de Comunhão na Liberdade, do Movimento dos Focolares, confirma isso de um modo extraordinário; uma experiência especial de economia solidária. (...)

Este é um agir econômico que – embora seja atuado dentro do sistema econômico vigente – caminha na direção oposta dos critérios fundamentais da economia. É proposta, aos empresários, uma nova linha de gestão empresarial, que coloca em ação condutas inspiradas na nossa espiritualidade. Esta nova linha pede que o homem e os relacionamentos interpessoais sejam recolocados no centro, evitando-se comportamentos contrários ao amor evangélico; requer a valorização dos funcionários, envolvendo-os na gestão da empresa. Exige o respeito à ética nos relacionamentos com os clientes, com os fornecedores, com a administração pública; reclama, portanto, a legalidade. Requer que se dê atenção ao ambiente de trabalho e ao respeito à natureza.

No final, mas também no início, é preciso lembrar de deixar espaço à intervenção de Deus, à sua Providência, inclusive na ação econômica concreta: intervenção que só pode acontecer sob a forma de uma entrada inesperada, de uma solução técnica genial, da idéia de um novo produto de sucesso ou, quem sabe, quantas outras formas ainda.

Chiara Lubich

Quando o empresário EdC tem algo de artista

Várias vezes tivemos a oportunidade de refletir nas páginas deste Noticiário sobre o significado do amor na Economia, de modo especial na EdC. Neste número, quero continuar a detalhar este tema.

A invenção da Economia foi uma grande tentativa – talvez a mais ambiciosa da modernidade – de construir a vida comum sem recorrer ao amor e às suas palavras características (sacrifício, sofrimento, fragilidade): de fato, o mercado foi concebido como a possibilidade de encontrar o outro, de receber dele o que nós precisamos, sem passar pelo sacrifício e pelo sofrimento, por meio do paradoxo do encontro pessoal com o outro. Desse modo, o bem produzido para a troca torna-se totalmente “outra coisa” do seu produtor, torna-se uma mercadoria. Das mercadorias, nós podemos nos libertar ou podemos adquiri-las sem colocar no fato as palavras “elevadas” da vida em comum, sem necessidade de gratuidade, de sofrimento, de sacrifício.

Antes desta invenção, falar de vida em comum ou de comunidade significava falar de sacrifício e de sofrimento, portanto, de amor, inclusive na Economia: sem o mercado ou fora dele, de fato, a passagem dos bens de uma pessoa para outra é necessariamente dolorosa: o sofrimento das guerras e dos assaltos, mas também o sofrimento de nos privarmos de algo para dá-lo a outra pessoa.

Este tipo de dor-amor ainda tem os seus vestígios na nossa sociedade, de modo especial na doação genuína e na arte.

Quando um artista se priva de uma sua obra (talvez porque seja obrigado a isso), entra no mercado e a troca por dinheiro; esta transação, se tem a ver com uma obra de arte e não com um bem de consumo, é extremamente dolorosa. É dolorosa para o artista, e isso se compreende; mas é dolorosa também para o comprador, que sabe que adquiriu algo que jamais será totalmente seu, porque este bem está indissolúvelmente ligado a quem o produziu ou o criou.

Por isso ainda hoje o “mercado da arte” não pode ser um mercado como qualquer outro, porque a obra de arte jamais poderá ser totalmente “mercadoria”, e porque o “belo” jamais poderá ser completamente subjugado pelo “consumo”; embora atualmente haja uma forte tendência neste sentido.

Um amigo artista (Michel Pochet) lembrou-me que é possível consumir os “bens”, as coisas boas, mas as coisas belas (o “belo”) – se o forem de fato – não podem ser consumidas, porque existem para sempre.

Com a linguagem da Economia, eu diria que uma obra de arte – se for tal – é necessariamente um “bem público” (como um chariz ou uma praça); e que, para ela, o mercado não funciona, assim como não funciona para todos os bens públicos. Basta pensar que o artista não se preocupa apenas em ganhar dinheiro; muitas outras coisas o atraem em troca de sua obra, como por exemplo, o lugar onde será exposta e quem poderá vê-la. Sabemos que muitos artistas renunciaram a contratos vantajosos justamente porque faltava um desses quesitos.

Quando um empresário, ou um trabalhador, quer assumir a co-



Luigino Bruni

luigino.bruni@unimib.it



munhão como razão de ser também na vida econômica, talvez sem saber, começa a experimentar algo muito semelhante ao que experimenta um artista. Os bens (ou serviços) que ele produz começam a trazer impressos em si algo dos seus valores pessoais, possuem a marca indelével da cultura que os gerou.

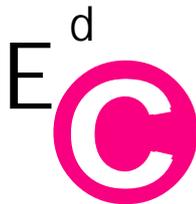
Por isso um produto de uma empresa que atua com seriedade a proposta da EdC tem algo que o distingue dos outros; algo muitas vezes invisível aos olhos da maioria, mas quem o fez sabe reconhecer e valorizar, porque é justamente neste “algo” que atua a sua vida de comunhão. As vezes pode ser a atenção, aparentemente não remunerável, aos detalhes, ao ambiente, à confecção, à beleza dos produtos e do local de trabalho. Por isso a experiência de quem vive a comunhão na empresa traz consigo, assim como para o artista, o toque do sacrifício e da dor: antes, durante e depois da produção, porque tem a marca do amor, do amor recíproco, da comunhão.

Justamente por isso, como aconteceu várias vezes, uma empresa EdC é um lugar no qual quem entra pode exclamar “que belo!”, exclamação rara para a Economia, mas normal se também a vida econômica for concebida de tal forma. Como as obras de um artista, o ambiente de trabalho das empresas EdC e, numa certa medida, também os seus produtos, têm a vocação a ser um “bem público”, ou seja, ser um bem cuja utilidade ultrapassa o consumo individual, porque, como tudo o que é feito por amor, esses bens têm uma marca que dura no tempo; e a recompensa que o empresário EdC espera em troca do seu produto não é apenas monetária, mas exige mais que um contrato usual e, simultaneamente, exige menos.

Por que tudo isso? A resposta é simples se pensarmos que um bem econômico não é algo morto, mas é um fato totalmente humano, é o resultado de relacionamentos humanos, portanto, não pode ficar alheio à qualidade desses relacionamentos que o criaram.

No entanto, tudo isso requer sacrifício, sofrimento, fragilidade, amor, justamente as palavras que – por serem tão elevadas e exigentes – foram eliminadas da Economia na modernidade. A proposta da EdC, porque emana de um carisma, quer levar o empresário, o trabalhador e, em certos casos, o consumidor a provarem algo semelhante ao que experimenta o artista quando cria. Por esta razão os seus atores estão bem conscientes de que atuar a Economia de Comunhão é muito árduo, talvez, heróico. Mas eles sabem que é possível: «Depende de mim, de você, se coisas semelhantes acontecerem ou não em nossos campos de ação. Vamos fazer de tudo para que aconteçam».

A Economia de Comunhão na Costa do Marfim



Recebemos esta correspondência de Geneviève Sanze, focolarina da Costa do Marfim. Em 2002 falamos sobre a sua tese defendida na Universidade de Abidjan, com o título “O impacto sobre o gerenciamento na experiência da Economia de Co-munhão”. Neste último ano, Geneviève viveu com o seu povo a difícil situação da guerra civil em seu país, quando a Mariápolis do Movimento dos Focolares, chamada Mariápolis Victoria, embora não tivesse defesas especiais, tornou-se um refúgio contra os perigos dos combates.

Apesar de tudo, Geneviève acredita no projeto da Economia de Comunhão e o difunde em seu país. Agora nos envia este depoimento.

Ontem conversei com Marcelle, uma voluntária do Movimento, que nasceu em Man, na região da Mariápolis Victoria. Atualmente Marcelle está em Abidjan e não pode voltar à sua casa, no Oeste, porque esta região ainda está ocupada pelos rebeldes.

Marcelle estava presente quando, no ano passado, apresentei o projeto da Economia de Comunhão na Mariápolis Victoria.

Ela é uma pequena empresária do setor agrícola, isto é, tem um terreno no qual, com a ajuda de alguns lavradores, cultiva diversos produtos para manter sua família. Conversou comigo para saber se havia entendido bem como conduzir a sua atividade segundo os princípios da Economia de Comunhão, e disse: «Gostei da Economia de Comunhão, mas como não pude estudar, gostaria que você me dissesse se entendi corretamente. Gosto da perfeição no trabalho e, antes de ouvir falar sobre a EdC, eu estava sempre chamando a atenção dos meus empregados, mostrando-lhes que o trabalho não era bom, que não respeitavam o horário e assim por diante.

Escutando sobre a Economia de Comunhão, embora não entenda bem o “francês grande”, pareceu-me compreender tudo o que você me disse: ficou-me impresso de um modo especial a cultura da partilha, transformar o meu ambiente de trabalho em uma família e colocar no primeiro lugar a pessoa humana.

Ao voltar para casa, procurei entender melhor como



Marcelle

viver esses valores com os meus empregados. Logo no primeiro dia procurei escutá-los, dar-lhes confiança e amá-los com concretude, por exemplo, dando-lhes o que comer...

Eles, então, começaram a me contar sobre suas vidas e suas difi-

culdades. Um deles, por exemplo, disse que em sua casa só havia uma esteira e quando fazia frio, não tinha nada para se cobrir. Pediu-me que, se eu tivesse um pedaço de pano, me lembrasse dele. Dei-lhe, então, uma coberta que usava para mim.

Um outro empregado, que não tem família, disse que nunca havia encontrado alguém que se interessasse por ele; agradeceu-me pelo amor que estava lhe dando, que lhe devolveu a alegria de viver...».

Marcelle estava admirada com a transformação que ocorrera em seu ambiente de trabalho: agora seus funcionários trabalhavam com responsabilidade, sem necessidade de serem repreendidos, pelo contrário, passaram a chegar antes da hora.

«Um dia em que não deveriam trabalhar – continuou ela – todos vieram. Fiquei perplexa, mas deixei que trabalhassem. No fim do dia fui pagá-los, mas não quiseram receber, pois aquele não era um dia de trabalho; tinham vindo, porque a ‘horta deles’ precisava. “A horta é nossa, vamos voltar nos dias de trabalho e você, então, nos pagará, mas não hoje”».

Marcelle ficou realmente impressionada com o amor e o senso de responsabilidade dos seus colaboradores, que agora considera ‘verdadeiramente seus filhos’. Ela me procurou para confirmar se, mesmo não entendendo perfeitamente o “francês grande”, era assim que deveria viver em seu trabalho a graça da EdC.

Eu quis contar-lhes esta experiência que, para mim, foi uma confirmação de que realmente a Economia de Comunhão é uma obra de Deus; e que para colher a sua essência não precisa muitos estudos (embora importantes), se estivermos prontos a transformá-la logo em vida. Marcelle não pode voltar à sua região, mas sabe que o seu terreno está sendo cultivado com amor pelos seus colaboradores.

Geneviève Sanze

focofabi@aviso.ci

Porquê atuar na EdC



24 de novembro: retomou-se a prática dos *encontros de aprofundamento* espiritual e cultural da Economia de Comunhão. Durante o congresso internacional de Castelgandolfo, em 5 de abril de 2001, Chiara Lubich lançou a proposta de “criar escolas para empresários, economistas, professores, estudantes de Economia e para todos os membros das empresas». Assim, no dia 28 de novembro de 2001, em Milão, aconteceu a primeira “aula”. Seguiram-se outros três encontros (25 de janeiro, 25 de março e 27 de maio de 2002).

Agora recomeça uma nova série com o quinto encontro. Na introdução, Alberto Ferrucci ilustrou dizendo que Piacenza foi escolhida porque favorece a participação das pessoas do Norte e do Centro da Itália (chegaram ao Auditorium da Expo mais de 120 pessoas do Piemonte, Liguria, Lombardia, Veneto, Marche, Toscana, Lazio e Emilia-Romagna). Piacenza foi escolhida também porque a EdC foi “acolhida” nesta cidade de um modo todo especial (desde um primeiro congresso, em 1996 até a outorga do título de doutor honoris causa a Chiara, em 1999).

Esses encontros – esclareceu ele – podem ser definidos como *workshops*, nos quais nos reunimos para escutar um discurso espiritual que serve de alicerce para a partilha das experiências vividas nas nossas empresas e para reflexões de estudiosos de Economia, além de momentos de perguntas e respostas, nos quais nos instruímos reciprocamente: tudo isso com o objetivo de criarmos juntos uma cultura econômica de comunhão a ser proposta à economia de mercado como alternativa à cultura econômica atual. Portanto, aqui todos somos docentes e estudantes; grandes empresários, jovens iniciantes, estudantes e estudiosos de Economia. Mas, sobretudo, não participamos dessas aulas para aprender o *know-how*, ou seja, como atuar na Economia de Comunhão, mas para recordar o *know-why*, o “porquê” de se trabalhar na EdC.

Bruno Venturini, um dos primeiros focolarinos, atualmente encarregado de acompanhar o aspecto da Economia do Movimento dos Focolares, apresentou a palestra espiritual centralizada na “Arte de amar: ser os primeiros”. Uma das imagens utilizadas pode ser aqui recordada: “se duas pessoas estão distantes cem passos uma da outra e querem se encontrar no meio do caminho, cada uma delas pode dar 50 passos. Mas se uma das duas dá apenas um passo e a outra quer encontrá-la do mesmo jeito, porque lhe quer bem, deve dar os 99 passos. Eis como amar primeiro: jamais se deve contar os passos nem calcular as distâncias, mas tomar a iniciativa de ir ao encontro do outro”.

Giovanni Mazzanti, consultor empresarial de Bolonha, coordenou a mesa redonda: foram apresentadas algumas experiências de empresários (Tullia e Luigi Nodari, proprietários de um hotel à margem do lago de Garda, Gualtiero Palmieri e Rina Santoli, sócios principais de uma atividade comercial aos pés dos Apeninos Emilianos). Além disso foi exposto o desenvolvimento do Pólo Lionello, por meio de uma série de perguntas e respostas feitas a Cecilia Mannucci, uma das administradoras responsáveis, e a Alberto Frassinetti, membro do Conselho de Administração da E. di C. spa (ver p. 10).

Após o intervalo, Luigino Bruni propôs a reflexão «“No amor o que vale é amar”. Gratuidade, desinteresse e reciprocidade». Foram focalizadas duas características da lógica de quem acredita no valor de tomar a iniciativa no amor: quem age dessa maneira «atribui um valor intrínseco, isto é, em si, ao ato de amar (no amor o que vale é amar), que o leva a agir desse modo inclusive quando não espera a resposta do outro. (...) Dito isso, logo acrescento que quem vive uma cultura de comunhão sabe que a sua ação não é perfeita enquanto o outro não responde».

O momento de diálogo contou com a participação de várias pessoas: emergiram também problemas, aspectos sobre os quais é necessário aprofundar a avaliação. Como concluiu Bruno Venturini, realmente cada um levou consigo o compromisso de viver para encontrar pessoalmente “soluções” a serem propostas aos demais, quem sabe já para o próximo encontro em 26 de janeiro de 2004.

Os temas dos quatro primeiros encontros

28.11.2001, Milão

“Deus é Amor”, de Enzo Fondi

“O Amor-Ágape na vida econômica”, de Luigino Bruni

20.01.2002, Milão

“A vontade de Deus”, de Enzo Fondi

“A vontade de Deus na vida econômica”, de Benedetto Gui

25.03.2002, Milão

“O nosso texto: o Evangelho”, de Enzo Fondi

“Evangelho e Economia: qual é o espaço da gratuidade?”, de Benedetto Gui

27.05.2002, Milão

“O Amor, síntese de todas as palavras (a arte de amar), org. por Enzo Fondi

“A arte de amar – discurso prático”, de Luigino Bruni

André Penazzi

andrea.penazzi@tiscali.it

Pólo Lionello: em que ponto estamos?

Falamos do Pólo Lionello nas edições anteriores. Ele surgiu como complemento de Loppiano, uma cidade do Movimento dos Focolares próxima a Florença, por vontade de Chiara Lubich, graças aos empresários e aos acionistas da Sociedade Anônima E. di C. S/A, empreendedora e administradora do mesmo. O objetivo do Pólo é dar um testemunho visível do projeto da Economia de Comunhão na Itália. Além das empresas que ali se instalarão, o Pólo absorverá o relacionamento com as demais empresas que o terão como referência.

Por ocasião da Escola de Empresários, realizada em Piacenza, em uma conversa com Cecilia Mannucci, uma das administradoras da E. di C. S/A, e com Alberto Frassinetti, um de seus conselheiros, perguntamos quais são as perspectivas sobre a conclusão do Pólo e algumas notícias sobre o andamento da empresa.

A E. di C. S/A no ano passado efetuou dois aumentos de capital chegando a um total de três milhões de Euros, totalmente subscritos. Recentemente lançou mais uma terceira subscrição, para alcançar cinco milhões de Euros de capital. Por que foi necessário este novo aumento?

A adesão imediata de muitas pessoas nos confirmou o valor da idéia do Pólo: a impossibilidade de atender a todos os pedidos de subscrição e o interesse demonstrado pelas empresas de se transferirem para lá impulsionaram o aumento de capital. O Pólo foi concebido e estudado como uma estrutura modular e flexível, que pode oferecer superfícies úteis de ocupação variáveis entre 7.400 m² e 11.400 m². O projeto permite a coexistência de empresas industriais, artesanais, comerciais e de serviços, com locais de uso comum, que faz um total de 8.500 m². Somando os custos normais de construção por metro quadrado dos diferentes tipos previstos (galpões industriais, artesanais, escritórios, etc.) ao custo do terreno, da urbanização, da área verde e de trânsito, chega-se a cinco milhões de Euros. (A. Frassinetti)

Como vocês estão administrando o capital arrecadado e ainda não utilizado?

Nós o investimos em produtos do mercado financeiro, que oferece rentabilidade máxima compatível com a tutela do capital; recebe essa necessária para enfrentar as despesas de administração e de captação do capital. (Cecilia Mannucci)

O projeto é belo, mas exigente do ponto de vista financeiro, portanto, para cobrir as despesas, provavelmente vocês terão que cobrar das empresas um aluguel muito alto.

Belo não significa necessariamente rico: pode-se construir bem, levando em consideração a beleza e a dignidade de quem vai trabalhar, sem gastar demais. É o que acontece com a nossa estrutura, que tem um custo inferior àquela mais normalmente mais utilizada nos galpões industriais.

O aluguel será cobrado das empresas de acordo com a média do mercado da região, que hoje varia entre 5 e 8 Euros por metro quadrado ao mês, de acordo com o tipo de construção. Calculamos que esta receita irá cobrir as despesas operacionais, deixando uma margem de lucro; o que será um resultado considerável. Geralmente Pólos como este surgem por meio da iniciativa pública, com grandes investimentos a fundo perdido e contribuições comunitárias. (Cecilia Mannucci)

Que planos vocês têm para garantir um balanço saudável nos primeiros anos, quando nem todos os espaços serão ocupados e, portanto, a entrada com os aluguéis será limitada? Há previsão de outros tipos de receitas para o Pólo?

Várias atividades estão sendo estudadas pela equipe que se ocupa do estudo de viabilidade: serviços a serem prestados às empresas do Pólo e àquelas da região, a comercialização dos produtos das empresas EdC, promoção de congressos e cursos de formação utilizando as salas e dependências do segundo andar do Pólo, inclusive para terceiros. (Alberto Frassinetti)

Quando serão iniciadas as atividades das empresas e quando o Pólo estará funcionando em equilíbrio? A construção será totalmente concluída, embora alguns espaços não serão utilizados por vários meses? É conveniente?

A Prefeitura de Incisa in Valdarno aprovou o projeto e agora estamos a espera do parecer da Superintendência das Belas Artes. Prevemos que os trabalhos vão começar no primeiro semestre de 2004 e, ainda em dezembro do mesmo ano, esperamos concluir as estruturas externas, para podermos receber as primeiras empresas em agosto de 2005.

Considerando o tipo de estrutura e a sua dimensão limitada, dividir a construção em etapas ao longo do tempo comportaria um custo mais elevado do que construir em uma única etapa, sem considerar os transtornos que seriam provocados às empresas já instaladas no Pólo em construção. (Alberto Frassinetti)

Quantas empresas estão previstas no Pólo?

Na fase de projeto, 26 empresas manifestaram o interesse de se instalarem ali. Tendo sido aprovado o projeto definitivo, que prevê a instalação de atividades industriais, artesanais, comerciais e de serviços, retomamos o contato com os interessados e 11 empresas confirmaram a intenção de instalarem-se no Pólo, utilizando 30% da área disponível. Consideramos que até 2006 o Pólo possa estar completamente ocupado. É maravilhoso ver esses empresários dispostos a arriscar para estar presentes, assistir à determinação e "consciência empresarial" com a qual estão organizando a própria inserção no Pólo. (Alberto Frassinetti)

Em que ponto está a nova campanha de subscrição de ações para o aumento do capital?

Até o momento foram subscritas ações em um valor aproximado de 3.600.000 Euros. Até 28 de fevereiro de 2004, esperamos chegar à casa dos 5 milhões de Euros. Preparamos material de divulgação como, por exemplo, o vídeo "Polarizemo-nos" que, em poucos minutos, traça as etapas da nossa história; e o CD que apresenta o projeto no seu aspecto mais técnico (ambos podem ser encomendados à E. di C. S/A). Muito além da compreensão "racional", embora necessária, entra em cena a compreensão "profética" da EdC; a vontade de aceitar o desafio, o desejo de escrever com a própria "adesão do coração", que leva os acionistas a se tornarem protagonistas, construtores da Economia de Comunhão. (Cecilia Mannucci)



Giovanni Mazzanti

giovannimazzanti@gmep.it

alberto.frassinetti@edicspa.com
cecilia.mannucci@edicspa.com

Entrevista com Margi,
da Mariápolis Ginetta, sobre
um elo importante e delicado
do projeto EdC: a distribuição
da ajuda.

Partilhar na fraternidade

A cidade de São Paulo é realmente imensa. Faz mais de meia hora que estamos percorrendo uma avenida, a uma boa velocidade, entre colinas de casas de alvenaria de um ou dois andares que despontam aqui e ali, muitas delas inacabadas e nenhuma pintada, entremeadas por amplos terrenos abandonados.

Aos poucos as construções, e também o trânsito, se tornam mais intensos, quando a avenida começa a margear um canal nada atraente, que o Governo está trabalhando para despoluir. Enquanto me leva do aeroporto a Vargem Grande Paulista, onde se encontra a Mariápolis Ginetta, foi espontâneo perguntar à minha gentil motorista o que se faz, aqui, pelos pobres no âmbito do projeto EdC.

A distribuição da ajuda é o último elo da cadeia que, no extremo oposto, tem a subscrição das ações dos pólos e o compromisso de trabalho de quem atua nas empresas ligadas ao projeto. Mas é um elo crucial, que contribui a dar significado a todo o resto.

Todos nós que estamos envolvidos nesta atividade extremamente delicada somos convictos disso. Porque não se trata apenas de chegar à pessoa certa e dar prioridade às exigências mais importantes, o que não é fácil quando as necessidades são muitas e urgentes. Trata-se de fazer com que a ajuda seja parte de um relacionamento de fraternidade que não tolera posições de inferioridade e de superioridade, porque vê o outro como um "outro eu", como irmão, e isso é possível porque são pessoas que sabem partilhar.

Significa que são vocês que oferecem a ajuda, e não ao contrário, quem precisa apresenta um pedido?

Podem acontecer as duas coisas, mas não é raro que, embora as necessidades sejam urgentes, o pedido não chega; somos nós que temos que perceber as diversas situações. Em parte, isso se deve ao fato de que são pessoas habituadas a pensar antes nas necessidades dos outros; ou então porque não é fácil aceitar que precisam de uma ajuda. Por isso procuramos usar a máxima delicadeza e reserva.

Vocês não têm medo de que esta ajuda possa cair em assistencialismo, que alguém se aproveite da generosidade dos outros ou não assuma suas responsabilidades?

Benedetto Gui
gui@decon.unipd.it

Algumas vezes tivemos a impressão de que poderia existir este risco: alguma despesa não necessária ou uma certa expectativa de que "outros" deveriam suprir as necessidades dos filhos... Em certos casos basta conversar, dizendo de onde vem esse dinheiro e quantas outras pessoas poderiam estar precisando. Mas, por sorte, é mais freqüente o contrário: quando a pessoa ou alguém da família encontra um trabalho logo nos informam que não têm mais necessidade; ou então que a pessoa ajudada, uma vez que consegue abrir um pequeno negócio próprio, passe a contribuir; ou ainda que pessoas ajudadas repartam o que receberam com outras pessoas necessitadas.

A ajuda é destinada, acima de tudo, aos "membros da família", a quem vive a espiritualidade da unidade. Vocês não têm a impressão de que isso seja um limite na abertura em relação a todos?

Podem parecer um limite o fato de que a ajuda seja destinada antes aos "membros da família", mas ao contrário, é extremamente positivo, porque com quem vive a espiritualidade da unidade é possível se fazer a profunda experiência de "dar" as próprias necessidades e "receber" a ajuda na dinâmica da comunhão. É uma experiência que se apresenta eficaz em um pequeno modelo, como um laboratório, e que poderá se multiplicar, assim como na semente está contida toda a planta.

Acredito que a EdC é uma experiência que se apresenta válida justamente porque é uma microrrealização que, no futuro, poderá assumir uma macrodimensão, como modelo inovador. Além do mais, observamos que este espírito dá um novo sentido ao trabalho: instaura a igualdade entre todos, a fraternidade universal, protótipo da cultura do amor.

Começamos a nos afastar da região mais densamente povoada, passando por uma série de pequenos bairros que surgiram ao longo da estrada, lugares que sabem bem o que é a pobreza.

Continuo a pensar que a distribuição da ajuda vai continuar a ser a parte mais delicada do projeto, mais do que a gestão e o equilíbrio econômico das empresas (o que não é pouco), e que deverá ser cada vez mais objeto de uma contínua atenção, de discussões, e que será necessário avaliar os critérios a serem seguidos. Mas tenho a consoladora impressão de que a experiência dá certo, que a ajuda econômica chega ao destino por meio de uma cadeia ininterrupta de relacionamentos vividos na fraternidade, na proximidade, na valorização das capacidades das pessoas ajudadas e no respeito pela dignidade de cada um.



Margi



Cartas do mundo

Publicamos trechos de cartas enviadas por pessoas que participam do projeto EdC aceitando receber ajuda para suprir algumas necessidades materiais, ajuda decorrente dos lucros das empresas EdC e da contribuição pessoal dos membros do Movimento dos Foclares.

Deus tem um plano de felicidade para todos

Recebo ajuda da EdC há cinco anos e, graças a esta ajuda, hoje estou no segundo ano da faculdade. Para mim, participar da EdC é muito mais do que receber ajuda para as despesas mensais. Todos os meses quando chega o envelope endereçado a mim, renovo a convicção de que Deus tem um plano de felicidade para cada um de nós; porém, nos criou livres, deixando-nos a responsabilidade pelas nossas ações.

No fim do ano passado tive a oportunidade de apresentar a EdC aos meus colegas e professores. Pouco antes nos havia sido pedido o trabalho de aprofundar uma questão ambiental e idealizar e propor um projeto com soluções concretas. Uma colega e eu decidimos avaliar um dos maiores problemas ambientais, que é a pobreza e a desigualdade social; e como resposta e solução, apresentamos o projeto da EdC. (Croácia)

Uma dificuldade ainda maior

Um dia, tendo muitos problemas, inclusive de saúde, partilhei tudo com alguém; logo depois encontrei outra pessoa que me falou de suas dificuldades, muito maiores que as minhas, porque tinha uma filha doente e não tinha dinheiro para comprar os remédios. Eu dispunha apenas do necessário para as minhas necessidades, mas dei-lhe tudo o que tinha, confiando que Deus sabia e acreditando na Sua providência. No dia seguinte, a sua resposta chegou mediante a ajuda da EdC, que ainda estou recebendo. Agradeço a Deus diariamente a sua ajuda, que chega justamente quando mais estou precisando. (Brasil)

Jamais havia nos faltado algo

Nunca havia faltado nada à minha família, mas no ano passado, repentinamente, perdemos tudo. Agora moro sozinha e o meu salário não é suficiente para o tratamento que devo fazer: faltou-me até o mínimo para a alimentação. Recebia a ajuda como um presente de Deus, que me deu o que comer. (Brasil)

Não sei como agradecer

Não sei como agradecer a ajuda que chega justamente quando não temos mais nada em casa para comer. Fui abandonada por meu marido e o meu salário termina no meio do mês. Portanto, esta ajuda é realmente útil para providenciar o necessário aos meus cinco filhos. (Brasil)

Sepultar com dignidade

Obrigado por nos ter ajudado a sepultar meu pai com dignidade. (Paquistão)

Carla Bozzani

e-mail: edc@focolare.org

No mês que vem, serei mãe

Precisei fazer uma cirurgia após um aborto natural: era a segunda vez que Deus me pedia para dar-lhe de volta uma criatura sua. Foi difícil fazer esta oferta, mas a criança sofria de uma mal formação grave e, talvez, por isso, Deus quis me poupar este sofrimento, embora eu desejasse muito ser mãe. Com a ajuda recebida pude fazer um tratamento e, no mês que vem, vou ser mãe. Todos os exames deram um resultado normal e o médico que me acompanha está satisfeito com o andamento da minha gravidez.

(Paquistão)

Voltamos para casa

O que recebemos é uma grande ajuda para nossos filhos, dos quais dois freqüentam a universidade. Depois de termos passado 10 anos vagando por várias cidades, finalmente podemos voltar para a casa onde morávamos antes da guerra. A casa estava destruída, dentro dela cresceu o mato e até árvores... mas graças à Providência recebida, pudemos torná-la habitável. É simples, mas é nossa e agora está à disposição de todos. Daqui a pouco vamos nos mudar, com um certo receio, pois ali tudo ainda fala de ódio, mas temos no coração a luz e a alegria que recebemos da espiritualidade do Movimento.

(Croácia)

Estar ao lado de quem precisa

Por causa da crise econômica de nosso país, meu marido, que trabalhava como contador, perdeu o emprego. Fizemos muitas dívidas que não conseguíamos pagar nem mesmo depois de termos hipotecado a casa. Com a ajuda da EdC quitamos as dívidas mais urgentes, ao mesmo tempo entendemos que deveríamos nos manter fiéis ao nosso orçamento e partilhar nossas necessidades, fazendo a experiência de estar ao lado de quem precisa. Os nossos filhos fazem alguns trabalhos que lhes dão a possibilidade de cobrir suas despesas e nós experimentamos o amor por meio das pessoas as que nos rodeiam.

(Argentina)

Encontrei um modo de ir à escola

Pedi ajuda à minha família e aos amigos, mas ninguém podia me ajudar a pagar a escola. Bati em muitas portas de escolas da Província de Lahore, mas nenhuma se abriu... fiquei desesperado. Agora chegou o cêntuplo e fui aceito em uma boa escola que me dará a chance inclusive de trabalhar.

(Paquistão)

Leite que parece ouro

Um dia eu estava muito preocupada porque não tinha leite para os meus filhos. Inesperadamente me deram um pacote. O que havia dentro dele? Leite! Tive a impressão de ter achado ouro! Senti o amor de Deus que amava com delicadeza, vindo ao encontro de minhas necessidades. Só ele sabia daquela situação.

(Brasil)

O período de maior provação

Na nossa pequena cidade da Croácia, a guerra devastou muitos co-rações e levou muitas famílias ao limite da sobrevivência, inclusive a nossa. Meu marido adoeceu psiquicamente e começou a beber. Minha filha estava para começar a faculdade, mas com nosso grande sofrimento teve de renunciar, por causa da situação de casa.

Eu achava que, ao final da guerra, tudo voltaria ao normal, ao invés, estava para começar a maior provação. Um dia, meu marido, que estava bêbado, bateu em mim e fiquei inválida, agora só consigo fazer pequenos trabalhos de limpeza esporádicos.

Todas as vezes que recebo a ajuda, digo à minha filha que não estamos sozinhos: existe um Deus que nos ama. (Croácia)

Pagar as contas de luz e de gás

Foi maravilhoso ter recebido! A providência chegou na hora certa, justamente quando estavam para nos cortar a água, o gás e a luz, porque fazia meses que não conseguíamos pagar as contas que, em nosso país, são muito altas. Experimentamos que somos uma única grande família e podemos testemunhar a todos o amor imenso e pessoal de Deus.

(Colômbia)

A alegria de assistir a minha mãe

Com a ajuda recebida, tive a alegria de poder fazer tudo o que foi necessário por minha mãe, que estava com um tumor e precisava de muitos cuidados. Eu a acompanhei a uma outra cidade para continuar o tratamento e, toda vez que parecia ser necessário interrompê-lo por falta de recursos, pedia a Providência e chegava a ajuda como um dom da Providência. Mamãe partiu para o Paraíso, onde esperava por ela o amor de Deus, que também eu experimento, porque me deu todas as condições de fazer o que precisava ser feito por ela.

(Brasil)

Um profundo senso de solidão

Sem esta ajuda teria sido muito difícil para mim continuar os estudos. Neste mercado livre que promove a concorrência a um grau excessivo, onde nada é gratuito e tudo, ao invés, é objeto de troca, experimento um profundo senso de solidão. A Economia de Comunhão é realmente revolucionária, totalmente sobrenatural e realizável, porque a pobreza poderá ser superada graças às empresas da Economia de Comunhão, que colocarão em comum o lucro obtido.

(Chile)

Passaram-se dez anos desde que foi defendida a primeira tese de conclusão de curso sobre a EdC, escrita em junho de 1993 por Rita Baldacchino Borg, de Malta. Assim também o nosso arquivo está comemorando dez anos de atividade.

No decorrer do tempo, recebemos 105 teses de conclusão de curso, embora provavelmente muito mais tenham sido defendidas. Considerando que cada tese defendida, da qual não recebemos notícia, representa uma verdadeira "perda" para o aprofundamento da EdC, convidamos quem estiver elaborando uma tese a partilhar o próprio trabalho quando estiver concluído. O procedimento é muito simples: basta preencher o modelo abstract acessível no site www.ecodicom.net e enviá-lo junto com a tese para o endereço:

antonella.ferrucci@prometh.it

As ultimas dez teses que recebemos demonstram como está amadurecendo a contribuição teórica que os formandos estão dando ao estudo da EdC. Após um período em que prevaleciam as teses de descrição e divulgação do projeto, hoje, cada vez mais, esses trabalhos estudam tecnicamente os resultados que a EdC produz dentro das empresas: a responsabilidade social das empresas, a presença do "Capital intangível" em seu interior, o valor todo novo atribuído aos "Recursos Humanos", a categoria dos "bens relacionais" que, por si só, consegue explicar alguns comportamentos econômicos.

Depois de terem ressaltado esses aspectos, passaram à tentativa de "mensurá-los" com instrumentos como o Balanço Social, o Balanced Scorecard, o Balanço do Capital intangível. Para este fim, os estudiosos valeram-se da colaboração dos empresários, oferecida por meio de questionários ou mediante estudos de casos empresariais. Em um desses casos, chega-se a tratar de um ponto muito difícil: a questão jurídica derivada da doação do lucro. Não faltam teses que inserem a EdC no cenário mundial, ressaltando a sua validade potencial para contribuir na solução das graves problemáticas de desigualdade econômica e social.



Antonella Ferrucci

antonella.ferrucci@prometh.it



Maria Grazia Campese



Yves Césaire Santounga



Laura Merla

Dez anos de teses sobre a EdC

Maria Grazia Campese

mariagraziacampese@hotmail.com

Diploma em Economia Empresarial
Universidade Luigi Bocconi de Milão
24 de abril de 2002

Tese em Organização das Empresas sem fins lucrativos

O Balanço Social: teorias e modelos econômico-empresariais

Orientador:

Giorgio Fiorentini

Caterina Ferrone

cattybum@tin.it

Diploma em Economia e Comércio
Universidade Federico II, de Nápoles
10 de julho de 2002

Tese em Metodologias e determinações quantitativas da empresa

O sistema informativo nas empresas EdC

Orientador:

Mario di Sarno

Yves Césaire Santounga

santounga@yahoo.com

Diploma em Ciências Bancárias e Financeiras
Universidade de Buea República dos Camarões
15 de julho de 2002

Tese em Ciências Financeiras

O significado da Economia de Comunhão para um país

Orientador:

Mr. Ntamack Eric

Língua: inglês

Laura Merla

laura_merla@libero.it

Diploma em Economia e Comércio
Universidade dos Estudos de Bergamo
17 de julho de 2003

Tese em Contabilidade Geral e Aplicada

A responsabilidade social das empresas que aderem ao projeto EdC

Orientador:

Prof. Gianfranco Rusconi

O objetivo da tese é difundir a consciência de que a empresa, antes de ser uma organização econômica, é uma organização social, e que o lucro em si não é mais suficiente para expressar a ação de uma empresa.

O balanço social é o instrumento que mede aqueles "valores" de determinadas empresas que prescindem do lucro econômico. A empresa da EdC é apresentada como um caso significativo de empresa em condições de conjugar a eficácia econômica com um estilo de gestão empresarial marcado pela abertura ao próximo e aos valores éticos: uma boa parte da tese consistiu em introduzir na demonstração social o Consórcio de Cooperativas Sociais "Roberto Tassano".

Emerge a importância de gerir os bens identificados como bens relacionais, que se revelam de extremo significado na vida da empresa EdC, pois trata-se de buscar os instrumentos que ajudem a torná-los parte fundamental da governança.

O objetivo da tese nasceu da solicitação dos próprios empresários de que fosse identificado um instrumento capaz de "capturar" o "capital intangível" da empresa, aspecto relevante e característico das mesmas: o estudo desembocou com naturalidade na análise do caso empresarial "Unilab".

Dele emergiu que a Unilab, paralelamente ao balanço econômico, traçou um balanço social para identificar toda a riqueza de experiências amadurecidas ao longo desses anos de trabalho, que nem sempre é possível exprimir por meios estritamente econômicos. Para completar, foi proposto à empresa a aplicação de um instrumento para o controle estratégico: a "Balanced Scorecard". Ele consiste em um sistema de indicadores de síntese voltado a exprimir o grau de alcance dos objetivos da empresa, pela demonstração, lado a lado, dos dados econômicos e com índices quantitativos e qualitativos, aos quais é atribuído igual valor. Especificamente para a Unilab, foram monitoradas sete perspectivas da empresa: a perspectiva do cliente, da inovação e do aprendizado, dos recursos humanos, a perspectiva econômica-financeira, a perspectiva interna e a da comunicação.

O objetivo da tese é avaliar se a Economia de Comunhão pode ser aplicada no sistema econômico global de um país, seja ele capitalista ou socialista. Após uma profunda análise das "falhas" encontradas nos dois sistemas, chega-se à conclusão de que a Economia de Comunhão poderia ser aplicada nos dois casos com sucesso. De fato, se muitas empresas adotassem a Economia de Comunhão, a mentalidade da maioria das pessoas mudaria, com vantagem para a qualidade dos produtos e para o respeito à dignidade do homem. A aplicação da EdC não deve se tornar motivo de "indolência" para quem é beneficiado com a sua ajuda. Seria necessário que os governantes exercessem um empenhativo papel de "difusores" e "divulgadores" da EdC como alguns já fizeram no passado, na Europa e no Brasil; e que as próprias empresas também assumissem esse papel. No âmbito da tese, foi estudado o caso da empresa EdC Avicom, da República dos Camarões, especializada na produção de ovos e de frangos.

A tese apresenta o projeto EdC como uma atuação econômica alternativa, analisando suas origens, seus desenvolvimentos e seus objetivos; portanto, analisa os instrumentos utilizados pelas empresas EdC para comunicar a própria responsabilidade social. Por fim, apresenta o caso de duas empresas, das quais foi analisada a estrutura do balanço social, ressaltando como o projeto EdC influencia a sua elaboração: a empresa é considerada uma única realidade na qual, porém, são frisados sete aspectos de igual importância e relacionados entre si.

A empresa EdC busca criar uma comunidade de trabalho cujos relacionamentos são alicerçados na comunhão, na comunicação e na cultura da partilha, estilo que, em seguida, é transmitido para fora da empresa. A utilização do balanço social poderia favorecer o alcance da massa crítica, tornando-se assim necessário para que a EdC se torne "contagiosa".

Maria Israel Autieri

enrico.isi@email.it

Diploma em Direito
Universidade dos Estudos de Trento
30 de outubro de 2002

Tese em Direito Comercial
Economia de Comunhão e formas organizacionais compatíveis

Orientador:
Dr. Emanuel Cusa

A legislação italiana identifica as sociedades de capital como finalizadas à obtenção do lucro; um objetivo altruísta é considerado característico de outros tipos de organizações coletivas, ou seja, entidades sem fins lucrativos.

A tese analisa quanto as soluções adotadas pelas empresas de Economia de Comunhão estão de acordo com a legislação, em relação à partilha do lucro em três partes, com especial atenção à solução transcrita no Estatuto da E. di C. S/A. Ela destaca a forma como uma sociedade pode validamente constituir reservas estatutárias às quais destina uma parte do lucro, mesmo quando tais reservas visam objetivos altruístas em *senso lato*, sem que, assim procedendo, entre em contraste com a finalidade lucrativa característica da sociedade de capital, e sem considerar este fato uma mera liberalidade, mas uma ação gratuita orientada para satisfazer o objetivo social.

As conclusões partem de uma jurisprudência sancionada por um tribunal que estabelece que as decisões tomadas pelas empresas EdC, desde que em harmonia com o objetivo social, e com todas as conseqüências econômicas que isso comporta, essas ações devem ser entendidas como naturais e não como liberalidades, portanto, compatíveis com os objetivos da empresa.

Manuel Tana

manueletana@libero.it

Diploma em Economia
Universidade dos Estudos de Lecce
19 de fevereiro de 2003

Tese em Técnica industrial e comercial
Ética da empresa: a experiência da Economia de Comunhão

Orientador:
Prof. Andrea Piccaluga

A tese começa com uma avaliação teórica que quer provar que a ética é conciliável com a Economia e, em especial, com a atividade empresarial. A partir dessa avaliação, passa para a análise do pensamento social da Igreja, fazendo uma breve descrição dos instrumentos das empresas do século XXI utilizados para expressar os próprios valores éticos (balanço social, códigos de ética, certificados sociais, etc.). São ainda apresentados alguns exemplos práticos de empresas com fins lucrativos que perseguem determinados objetivos sociais (finança ética, comércio ético e solidário, etc.)

Na segunda parte, está descrita a Economia de Comunhão, desde a sua origem até os desenvolvimentos atuais; os seus valores, os princípios fundamentais e as diferenças essenciais em relação às outras empresas que atuam no mercado. Além dos desafios do desenvolvimento que as empresas EdC devem enfrentar, são expostas algumas problemáticas, críticas e limites do projeto. A tese apresenta ainda um maravilhoso compêndio (*best practices*) das experiências mais significativas desses primeiros dez anos dos agentes EdC, veiculadas em publicações sobre a EdC e em teses de formatura, orientadas a ressaltar os vários pontos das "Linhas para a gestão de uma empresa EdC".

Carmela Russo

carmela_russo@yahoo.it

Diploma em Economia e Comércio Internacional
Universidade Parthenope de Nápoles
22 de julho de 2003

Tese em Economia Internacional
Rumo a uma democracia econômica. As políticas internacionais e a sociedade civil contra a pobreza e a desigualdade. A contribuição da Economia de Comunhão

Orientador:
Prof. Salvatore Vinci

A tese começa delineando um quadro da problemática da pobreza e do subdesenvolvimento mundial, com referência às regiões tradicionalmente consideradas "em via de desenvolvimento". Sucessivamente trata de quatro temas fundamentais para uma globalização "com rosto humano": a introdução de um freio ao fluxo da finança especulativa, a solução da questão da dívida externa dos países mais pobres, a equidade nas relações comerciais internacionais e, por fim, a potencialização da cooperação internacional.

A responsabilidade da atuação dessas medidas cai sobre a comunidade internacional, ou melhor, sobre a comunidade das nações mais desenvolvidas. Fundamentando-se na idéia de que também a sociedade civil pode ter um papel ativo na construção da nova democracia econômica internacional, são examinados os instrumentos de que esta comunidade dispõe, entre os quais, de modo especial, a economia solidária. Por fim, leva-se em consideração a EdC na qualidade de um projeto de economia solidária totalmente peculiar e rico de potencialidades.

O trabalho demonstra que a EdC tem em si todas as condições para contribuir na luta contra a pobreza e a desigualdade: deseja-se, portanto, que, ao lado da atuação das medidas internacionais acima mencionadas, haja uma maior difusão no mundo do projeto EdC, especialmente nos países menos desenvolvidos Marco Paglicci

Arquivo mundial das teses sobre a EdC:

Antonella Ferrucci

antonella.ferrucci@prometh.it

As teses colocadas à disposição pelos autores podem ser consultadas na página:

www.ecodicom.net

Maria Israel Aurtieri

Manuele Tana

Carmela Russo

Anna Senese

anna.senese@libero.it
Diploma em Economia e Comércio
*Universidade Federico II
de Nápoles*
14 de outubro de 2003

Tese em Economia e Administração de
Empresas

**A Economia de Comunhão:
uma nova perspectiva para a
gestão dos recursos humanos
nas empresas**

Orientador:
Prof. A. Capasso

O objetivo do trabalho é propor às empresas uma alternativa no modo de gerir os recursos humanos, seguindo os princípios éticos e morais, que gratificam e valorizam a pessoa, não mais considerada apenas um “meio de produção”. Inicia delineando a evolução histórica das teorias que tratam do indivíduo, para alcançar as transformações ocorridas ao longo dos anos, especialmente em relação ao conceito de recursos humanos e a sua relevância atual nas empresas. Introduziu-se a EdC partindo da sua origem, com os seus princípios, fundamentos e objetivos, questionando se é possível gerir uma empresa segundo os cânones firmados pelo projeto. A resposta foi positiva, ressaltando que o novo modo de ser empresa libera a cooperação entre as partes, um maior envolvimento e sentido de pertença.

Marco Paglicci

marcopaglicci@tin.it

Diploma em Economia Política
*Universidade dos Estudos
de Florença*
27 de outubro de 2003

Tese em Economia Política
(cooperativas e empresas sem fins lu-
crativos)

**O valor das relações inter-
pessoais dentro e fora da em-
presa: o projeto da Economia de
Comunhão**

Orientador:
Prof. Pier Angelo Mori

Na tese é apresentado um quadro sintético dos resultados adquiridos na mais recente literatura relativa ao papel das relações interpessoais nos comportamentos econômicos. A tentativa é encontrar conceitos que permitam traduzir a inter-personalidade em economia, expondo o que se entende por bens relacionais e “capital social”. Com tais instrumentos, a tese descreve os princípios fundamentais do projeto da Economia de Comunhão detendo-se no significado microeconômico da reciprocidade. Com um questionário de 13 perguntas, dirigido a cem empresas italianas que aderiram à EdC, buscou-se entender como os princípios EdC se traduzem na prática e a que conceito de bem-estar o projeto se refere. Daí surgiram indicações sobre alguns espaços da organização da empresa, pelo que, graças à atenção colocada nas relações interpessoais, poderiam aparecer melhorias em termos de bem-estar econômico, seja no sentido tradicional, seja no sentido mais amplo. Nota-se que as empresas que aderem à EdC reconhecem nas relações interpessoais não apenas uma oportunidade, mas um verdadeiro e próprio valor.

Enrica Motta

enrica.motta@inwind.it

Diploma em Economia e Comércio
*Universidade Católica do Sagrado
Coração, de Milão*
29 de outubro de 2003

Tese em Economia
**Intangíveis e criação de valo-
res: critérios de aferição no
caso da Economia de Comu-
nhão**

Orientador:
Prof. Marco Confalonieri

O objetivo do trabalho é dar destaque ao “Capital intangível” dentro da empresa e identificar oportunos critérios de mensuração. Para avaliar sua eficácia, esses critérios foram aplicados nas empresas que aderem à EdC. Após um amplo tratado teórico das características do capital intelectual e da sua função na criação da vantagem competitiva, foram examinados os critérios mais conhecidos de medição, com uma particular atenção ao “Balanço do capital intangível”. Este último instrumento foi empregado para aferir o “Patrimônio intangível” das empresas que aderem à EdC. Foi aplicado às empresas um questionário com 42 perguntas que se referiam ao capital intelectual. O estudo demonstra que, para as empresas EdC, o capital intelectual representa um importante instrumento competitivo, que as distingue dos concorrentes. Investir em capital humano, instrumental e relacional as torna competitivas no mercado e permite que sobrevivam apesar de serem pequenas e das dificuldades atuais do mundo econômico.



Marco Paglicci



Enrica Motta



As sete cores de Arco-íris

Pouco depois do verão, no nascente Pólo empresarial da Mariápolis Arco-íris, em Portugal, foi promovido um encontro sobre gestão empresarial, muito desejado por dois empresários portugueses que haviam participado de um evento semelhante, na Mariápolis de Loppiano, em novembro de 2002. Por isso, convidaram à Mariápolis Arco-íris Elisa e Giampietro Parolin, que foram os animadores do encontro de Loppiano.

Nasceu, assim, uma experiência completamente nova, que envolveu profundamente 11 pessoas, entre empresários, diretores de empresas e estudiosos: Acácio Faria, António Fernandes, Cristina e Carlos Marques, Catarina e Conceição Nóbrega, Diogo Neves, Inês e Henrique Gomes, José Maria Raposo e Mário Massa. Eles aceitaram a proposta de redescobrir com uma única chave de leitura os diferentes aspectos que compõem a vida empresarial, com a finalidade de aumentar a consciência de que a criação do valor agregado, na visão da Economia de Comunhão, não se limita ao crescimento do capital econômico, mas abraça também o capital relacional, humano e intelectual, a dimensão ética, a cultura e o clima empresarial e, por fim, o estilo de comunicação.

Sete diferentes aspectos de uma única realidade que, na Economia de Comunhão, se fundamenta em sete diferentes aspectos do amor, que seguindo uma intuição de Chiara Lubich se acoplam às sete cores do arco-íris.

Esta visão unitária da vida empresarial da EdC, que tende a ser a expressão total do amor, estimulou intensamente os participantes a partilharem a própria riqueza de idéias, de experiências, de exigências e a avaliar como concretizar um projeto que, tendo nascido em uma obra de Deus, está escrito no Céu.

Praticamente foram dois dias de formação interativa desta visão da vida empresarial, com jogos, simulações e partilha de pontos de vista e de reflexões, que permitiram construir um relacionamento fraterno entre os participantes, que desse modo conseguiram a força e a liberdade de olhar em profundidade, com esses novos olhos, a própria experiência empresarial, aproveitando a ocasião para renovar uma escolha e um percurso de abertura que encontra a sua concretização na partilha do lucro com os pobres e a formação de homens novos.

Acácio Faria (Diretor Presidente da Faria & Irmãos, produtora de fôrmãs de calçados) ressaltou que experimentara a possibilidade de pensar e crescer juntos, redesco-



Filipe Coelho
f.coelho@sapo.pt

brindo a beleza da vida das empresas de EdC vistas segundo as sete cores.

Diogo Neves (docente universitário no campo dos recursos humanos) destacou que a colaboração vivenciada no encontro oferecia uma renovada visão da gestão empresarial, na qual a flexibilidade não reduz o rigor, mas podemos nos abrir às diferenças e assim se experimentar a riqueza recíproca, que dá uma resposta às necessidades mais urgentes do mundo econômico e empresarial.

Um fruto do congresso foi a contribuição inovadora ao tema de estudo da economia empresarial sugerido no Congresso de Subiaco, em julho de 2003 (ver os artigos de Alberto Ferrucci e Luciano Cillerai em "Economia de Comunhão – uma nova cultura, nº18), que consiste em elaborar uma nova forma de "balanço empresarial EdC" em cujas demonstrações econômicas e patrimoniais figurem itens contábeis atualmente negligenciados, dos quais se extraem os componentes da partilha do lucro em três partes.

A proposta elaborada no encontro português está representada no quadro abaixo.

Nesses dias foi colocada uma semente a ser cultivada e desenvolvida na EdC em Portugal, na vida das empresas, mas também para a implantação do Pólo Produtivo que os empresários portugueses estão iniciando na Mariápolis Arco-íris.

Arco-íris, um nome que muito se identifica com esta nova visão unitária da vida empresarial como amor, característica da EdC.

Balanço econômico reclassificado	Cota do Balanço	Cota EdC
Receitas		100
(a maioria não previstas)	10	A
Custos		
Custos de Pessoal	40	
(dos quais parte para formação de "homens novos")	2	B
Outros Custos	10	
(dos quais custos menores não previstos)	5	C
(dos quais custos maiores para solidariedade local)	2	D
Amortizações e Reservas (*)	15	15 E
Custos Financeiros		5
Lucro antes do IR	30	
Impostos		9
Lucro líquido	21	
Dividendos (**)		16
(dos quais destinados a EdC)		10 F
Reservas	5	5 G
Balanço EdC		
Providência	A + C	15
Autofinanciamento	E + G	20
Formação de "homens novos"	B + 50% de F	7
Pobres	D + 50% de F	7

(*) Normalmente os investimentos são feitos no curso do exercício, portanto, a cota das Reservas do lucro é pouco significativa, ao passo que as amortizações exprimem como o Fluxo de Caixa consente a continuidade dos negócios e a cobertura dos novos investimentos feitos.

(**) Os dividendos podem incluir uma parte da retribuição do empresário ou cobrir necessidades familiares imprevistas.

Olhar para o Céu

As muitas novidades do Consórcio Tassano

**O Consórcio hoje**

O conjunto das atividades produtivas e de serviços compreendidas pelo Consórcio Roberto Tassano, além do próprio Consórcio que deu origem ao grupo, abrange também o Consórcio Campo del Vescovo, o Consórcio Gianellinrete e o Consórcio Alpe.

O Consórcio Campo del Vescovo administra várias casas de repouso e centros terapêuticos para deficientes mentais que funcionam em edifícios da Cúria da cidade de La Spezia e é uma relevante instituição de perfil social e de saúde da região: opera em íntima comunhão com o Consórcio Tassano, que o ajudou na sua constituição, no seu crescimento e no seu estar sempre atualizado conforme o espírito da EdC.

O Consórcio Gianellinrete surgiu por sugestão do Consórcio Tassano, com o objetivo de manter em funcionamento as escolas administradas pela ordem religiosa das Gianellinas que, de outra forma, teriam fechado.

O Consórcio Alpe é responsável pela administração de pessoal, gerencial e fiscal dos três Consórcios. Três anos atrás, em dezembro de 2000 (ver nº13) Maurizio Cantamessa, então diretor administrativo do grupo, descreveu o crescimento tumultuado do Consórcio que em poucos anos, passou dos 26 sócios que compunham a primeira cooperativa, a 663 pessoas empregadas.

Hoje, uma boa parte das pessoas que trabalham é formada por cooperados e chega a mais de mil pessoas: apesar da estagnação econômica, o Consórcio continuou crescendo também nesses últimos anos e recentemente percebeu-se a necessidade de adotar uma nova estrutura organizacional, compatível com a complexa dimensão adquirida e com os objetivos sociais dos fundadores.

Depois deste notável crescimento, é espontâneo questionar-se se o Consórcio foi capaz de manter a cultura de comunhão que o inspirou desde o início.

O estágio no Consórcio

É muito significativo o breve relatório que publicamos, de Paolo Favero, estudante de Economia Empresarial da Universidade de Veneza, sobre o seu primeiro contato com uma empresa do projeto EdC.

«Em setembro passado fiz um estágio de um mês no Consórcio de Cooperativas Sociais Roberto Tassano. Esta experiência me deu a possibilidade de analisar, do ponto de vista de um observador externo, o funcionamento de uma empresa que adere à Economia de Comunhão.

Os dois aspectos que mais me impressionaram, e que considero entre os pontos fortes que caracterizam o Consórcio, são:

- o esforço de construir relações humanas com todas as pessoas que estão em contato com a empresa (sejam elas concorrentes, clientes, fornecedores, sindicalistas, etc.)

- a busca para dar dignidade e um futuro às pessoas mais marginalizadas da nossa sociedade, não apenas com atividades assistenciais, mas principalmente ajudando na superação da própria condição de desconforto social e na recuperação da pessoa marginalizada.

A primeira característica – um dos valores da EdC –, leva os trabalhadores da Cooperativa a desenvolverem relações humanas que tendem a construir a amizade e a colaboração, na tentativa de formar um ambiente harmonioso no qual todos possam exercer melhor a própria função. Com certeza não é tão fácil alcançar esses objetivos, especialmente agora que o Consórcio teve uma grande expansão e dá trabalho a centenas de pessoas. Portanto, criar um clima de comunhão entre todos tornou-se mais difícil do que no início, quando havia poucas dezenas de cooperados.

Pelo que pude ver, o esforço para alcançar esta meta é notável, também graças aos cursos de formação da EdC, dos quais os diretores participam.

O outro aspecto que considero importante para o Consórcio é a atividade de recuperação das pessoas menos favorecidas. Este objetivo é a base do surgimento da primeira cooperativa, que se originou da vontade dos sócios fundadores de dar trabalho e dignidade a quem se encontra em uma situação de desconforto social (deficientes físicos, doentes mentais, ex-toxico-dependentes, etc.)

A filosofia empresarial concebe o trabalho como terapia capaz de reduzir a debilidade e, nos melhores dos casos, reinserir a pessoa marginalizada por meio da responsabilização e do respeito pelos horários, regras e programas de recuperação personalizados, que levam em consideração a situação de cada trabalhador. Com esse estágio tive a demonstração de que uma empresa pode estar no mercado e apresentar índices continuados de crescimento econômico mesmo buscando, como finalidade principal, o auxílio às pessoas mais frágeis. É um caso encorajador que demonstra que se pode viver a Economia de Comunhão no campo social.

**Alberto Ferrucci**

artberto.ferrucci@prometh.it



Este pode ser um exemplo para outras empresas sem fins lucrativos que, através da EdC, podem receber outros estímulos e maior convicção para levar adiante suas finalidades sociais».

O agricultor e o céu

Esta análise me parece ser uma confirmação da fidelidade do Consórcio aos objetivos originais, não obstante o seu crescimento. Mesmo na atividade econômica o primeiro lugar é dado à comunhão entre todos e à promoção humana dos menos favorecidos. O Consórcio já é tão vasto e tão espalhado em quatro regiões do norte da Itália, que sentiu a necessidade de criar um meio de comunicação interno, ou seja, um boletim informativo. Publicamos na íntegra o que podemos considerar o editorial, escrito pelo seu presidente, Giacomo Linaro:

«Em maio, juntamente com 40 sócios dos três Consórcios, participei de um encontro de atualização de empresas que aderem ao projeto da Economia de Comunhão e, na ocasião, fiz uma reflexão que gostaria de comunicar a todos, pois fez com que eu compreendesse melhor o sentido do trabalho de tantos anos.

Pensei nos agricultores de antigamente, quando não existiam os meios de que hoje dispomos para cultivar a terra, e confiávamos no céu para que afastasse as doenças, mandasse a chuva, o sol, o bom tempo para a colheita...

Nós também, quando começamos a cooperativa, éramos como aqueles camponeses: sem experiência, sem um gestor (eu sou operário), sem ajuda; rezávamos pedindo a Deus que mandasse a sua providência para

os nossos campos (o trabalho), para irmos em frente e podermos esperar uma boa "colheita".

Hoje, que contamos com especialistas, profissionais, gestores, sinto que não devemos esquecer de continuar "olhando para o céu", para manter sempre vivo aquele nosso típico espírito que se encontra na origem, na raiz de todas as nossas Cooperativas.

Quantas vezes experimentamos que o Céu nos olhou! Quantas intervenções da Providência constelam a nossa experiência! Quantas situações difíceis foram resolvidas de um modo imprevisível! Quantas pessoas conseguimos ajudar por termos acreditado e pedido juntos (ao Céu) a ajuda da Providência!

Quantos amigos (inclusive de culturas totalmente diferentes) acreditaram (e ainda acreditam) nesse nosso compromisso com o homem e trabalham conosco!

Hoje, que estamos mais equipados, que contamos, entre os nossos administradores, com pessoas formadas e mais preparadas para conduzir as Cooperativas e os Consórcios, hoje, que nos é possível dar emprego e dignidade a mais de mil pessoas; hoje, que os elogios de todos fariam de sucesso, etc., eu gostaria de me fixar naquela primeira experiência, naquela fé, naquele empenho de nos dedicarmos aos outros com a conseqüente e sempre pontual intervenção da Providência.

Hoje, o nosso trabalho tem sentido somente se continuarmos perseguindo esse "sonho social"!

A propósito: neste projeto há lugar para todos, há lugar... também para você».

A nova organização

Como diz Giacomo Linaro, O Consórcio, nascido do desejo de solidariedade de dois operários que quiseram compartilhar com 26 sócios a sua atividade de conserto de eletrodomésticos, equipou-se atualmente com o profissionalismo necessário para administrar, na economia de mercado, as mais variadas atividades: dos serviços sociais à manufatura para empresas privadas, incluindo escolas e cursos de formação. Foi possível manter o equilíbrio financeiro e obter um modesto lucro, porém sempre voltados a dar o primeiro lugar à comunhão com a pessoa do trabalhador, do cliente, do fornecedor, do funcionário público, do concorrente.

A missão dos diretores do Consórcio Tassano não é fácil, por ser a primeira empresa ligada à EdC que chegou a tais dimensões. Eles buscam uma síntese organizacional que salvasse os múltiplos objetivos empresariais, e isso, portanto, merece uma atenção especial.

Até pouco tempo atrás, toda a estrutura organizacional do Consórcio se apoiava numa Assembléia dos Sócios, representada por um Presidente, um Conselho de Administração e um Conselho Fiscal.

Nessa estrutura, mesmo existindo delegação de poderes aos diretores das várias seções do consórcio, a responsabilidade última e o poder executivo estavam concentrados no presidente. Com o crescimento do grupo, isso passou a não ser mais viável. Não era viável especialmente para uma empresa EdC, na qual aquilo que não é apenas o resultado econômico, mas conta igualmente – e até mais – o “como” esse resultado foi conseguido.

Percebeu-se, assim, a importância de que a Assembléia encarregasse especialmente o presidente de zelar pelo modo “como” se atuava no conjunto, e para que todas as atividades produtivas do Consórcio

respondessem sempre à atuação específica de uma empresa EdC: aquele modo de agir que o Consórcio adotou expressamente, incluindo no preâmbulo do próprio Estatuto os “Princípios para a gestão de uma empresa EdC” (Cf. EdC nº 17, p.9).

Ao lado dessa função específica do presidente, fazia-se necessário que o Conselho nomeasse um gerente-geral, que respondesse diretamente pela gestão empresarial e pelo controle administrativo, além de uma Comissão Executiva que ajudasse o administrador na gestão diária do Consórcio.

A Assembléia dos sócios aprovou a nova estrutura, confirmando Giacomo Linaro como presidente, Maurizio Cantamessa como gerente-geral, e inserindo no Comitê Executivo também Giacomo Linaro, como responsável direto do setor comercial e das relações públicas. Clemens Ries foi eleito responsável pelo setor das Cooperativas Sociais, Lorenzo Tassi responsável pelo setor dos Serviços Sociais e outras atividades, e Diego Ferri, responsável pelos Recursos Humanos e Secretaria.

Esta nova estrutura, portanto, confirma o presidente como aquele que garante a identidade empresarial, com o poder de convocar a assembléia e pedir a eleição de um novo Conselho de Administração, caso constate que a administração do Consórcio não está de acordo com o espírito da EdC –. O presidente, porém, delegou a outros a gestão efetiva do Consórcio.

Giacomo Linaro, todavia, participa do Comitê Executivo como responsável do Setor Comercial e, portanto, sob esse aspecto, se reporta ao Comitê Executivo, no qual o gerente-geral dá a última palavra.

Um equilíbrio, uma submissão recíproca, por amor, que é uma novidade e que foi aceita pelo presidente e por todos, justamente porque o objetivo comum é a comunhão na empresa, que só pode nascer da comunhão em nível da alta administração.

A ajuda entre as Cooperativas



Maurizio Cantamessa



Lorenzo Tassi

Um dos aspectos mais inovadores – e também críticos do ponto de vista econômico – do grupo consiste no fato de que ele abriga uma realidade muito consistente de Cooperativas sociais que dão emprego a pessoas menos favorecidas por causa de deficiências físicas, psíquicas ou psicológicas, fruto de um passado atribulado, cujo grau de eficiência, embora notável, não pode ser comparado ao obtido numa empresa de pessoas sem tais deficiências.

No entanto as Cooperativas Sociais devem competir no mercado com empresas normais, não só na Itália, mas a esta altura, com a globalização do mercado de trabalho, também em países do Leste Europeu e de outros continentes, cujo patamar salarial é muito inferior ao salário mínimo italiano.

Através da ótica da reciprocidade, até mesmo a carência de eficiência nesses setores foi, de certa forma, compensada pela solidariedade dos outros setores do Consórcio. Porém, nos últimos anos, também estes, para se consolidarem, precisaram fazer grandes investimentos, e isso reduziu as suas possibilidades de contribuir para manter o equilíbrio econômico das Cooperativas Sociais.

Na prática, no decorrer destes anos, o Consórcio incumbiu-se de criar, com os próprios meios, oportunidades de trabalho capazes de resgatar da exclusão essas pessoas menos favorecidas, tornando-se assim um “bem público” do território onde atuam, realizando um serviço público.

A comprovação de que isso é verdadeiro e apreciado pode ser testemunhada pelos funcionários públicos municipais e por outros órgãos, especialmente na região da Ligúria, que muitas vezes encaminham às Cooperativas Sociais da Tassano os casos difíceis com que deparam.

Foi possível ver quanto este serviço tornou-se impor-

tante para a região quando a prefeitura de Sestri Levante decidiu atuar o Plano Diretor, que preconizava a demolição do conjunto de galpões das Cooperativas. Isso levaria ao fechamento das Cooperativas, que não disporiam mais de espaço físico para desenvolver o trabalho. Foi então que as organizações sindicais e a administração local, apesar de suas diferenças ideológicas, decidiram juntas pela criação de uma Fundação, financiada por elas com 2 milhões de euros, para construir novos galpões num município limítrofe.

Foi uma demonstração evidente de que esta empresa EdC, mesmo sendo privada, é um “bem público”. Agora, porém, seria necessário que as administrações públicas cooperassem mais com o Consórcio, a fim de concluir o processo de encaminhamento ao trabalho externo das pessoas menos favorecidas que foram reinseridas no mercado de trabalho, reservando às pequenas empresas onde eles poderiam trabalhar uma parte das concorrências que concedem aos operadores externos.

O presidente, Giacomo Linaro, é o encarregado de promover essa consciência e este novo setor de atividades do Consórcio, auxiliado especialmente pelas fundadoras de uma das Cooperativas do Consórcio, a Trilha de Arianna, que, mesmo provindo de uma matriz cultural diferente da origem do Consórcio, há anos comungam o mesmo espírito da Economia de Comunhão e orientam nesse sentido suas próprias atividades.

Parece-me que o Consórcio Tassano, no seu desenvolvimento, está traçando uma trajetória que, sob certos aspectos, é nova e rica de idéias para quem se interessa por uma atuação na economia de mercado que considera a pessoa, a solidariedade e a comunhão.



A economia, a felicidade e os outros

«A felicidade não é uma mercadoria; não se compra nem se vende, não tem um preço de mercado, não se troca nem pode ser taxada; não se produz. Por que então escrever um livro sobre a relação entre a felicidade e a economia? Na verdade há muitas e boas razões para isso; razões que deram corpo ao livro que apresentamos nessas páginas: “A Economia, a felicidade, o outro”. Luigino Bruni, seu autor, acabou de entregá-lo à Editora *Città Nuova*, para que seja impresso.

Uma premissa: essas páginas parecem ser o espaço mais adequado para antecipar algumas reflexões contidas no livro, com o objetivo claramente explicitado de suscitar o interesse à leitura no maior número de pessoas. De fato, muitas idéias do autor foram elaboradas, confrontadas e doadas justamente no espaço que este noticiário metaforicamente representa, isto é, o laboratório de reflexão teórica e cultural sobre o projeto da Economia de Comunhão, além de ser uma ocasião para o intercâmbio de vida entre todas as pessoas que, de diferentes modos, aderem ao projeto.

Creio que não cometo um erro ao afirmar que, para muitos de nós, que refletimos sobre este projeto na qualidade de economistas, o livro representa uma espécie de inspiração primária que, diretamente ou indiretamente, “contamina” todas as nossas pesquisas. Torna-se natural, portanto, pensar que também as outras pessoas que lerão este livro, tendo vivido a experiência da Economia de Comunhão, encontrarão nas suas páginas algo a mais do que uma simples consonância, e sim ideais comuns, uma mesma visão de base, um mesmo desejo de um mundo “mais belo”, que para todos nós deriva do Ideal da Unidade e de Chiara Lubich.

Mas voltemos à questão com a qual demos início a este artigo e ao próprio livro. Economia e felicidade: um paralelo original, quase um paradoxo, uma contradição entre termos, ainda mais se lembrarmos que até pouco tempo atrás a Economia era considerada como “a ciência triste”. No entanto, na viagem que o autor nos propõe com “uma investigação sobre o bem e o bem-estar”, como diz o subtítulo, encontramos idéias, personagens, movimentos culturais, teorias, paixões, revoluções, experimentos, algumas fórmulas, todos eminentemente econômicos, que muito nos ajudam a compreender

Vittorio Pelligra

pelligra@unica.it



em profundidade e a esclarecer a natureza do que chamamos felicidade.

A viagem começa com um paradoxo e termina com outro: um é a pergunta, o outro é a resposta. O primeiro, que Bruni define como o “paradoxo de Easterlin” afirma que, com o aumento da riqueza, quando ultrapassa um limiar, o chamado ponto crítico, o bem-estar alcançado pelas pessoas e a felicidade delas não só não aumenta, mas, muitas vezes diminui. O segundo paradoxo, que descobriremos ao viajar por todo o livro, é a resposta ao primeiro e nos diz que, se desejarmos a felicidade não deveremos procurá-la; mais ainda, nos diz que se quisermos ser felizes, deveremos tornar os outros felizes.

Este é o ponto de partida e de chegada da apaixonante história que Luigino Bruni nos conta com grande competência e com um certo envolvimento. Ele nos leva a descobrir que a Economia, surgida no século XVIII, como uma emanção da filosofia moral, progressivamente perdeu de vista o seu objetivo último, a felicidade pública, e transformouse em uma mera ciência da riqueza. É a história desta transformação, por meio das suas etapas cruciais, que torna a Economia uma ciência moderna, sofisticada e especialista, mas ao mesmo tempo, percebemos agora, é uma ciência incapaz de descrever e compreender aspectos cruciais da experiência humana, das relações interpessoais, das emoções e dos valores. É uma história que nos mostra que, dessas limitações e do mal estar que suscitam, nasceram tentativas modernas e muito interessantes de alargar os esquemas



conceituais tradicionais justamente para tornar a compreender o que até hoje ficou à margem dos modelos econômicos, embora considerado economicamente relevante.

Os professores de economia geralmente começam suas aulas explicando que um modelo muito detalhado da realidade seria tão inútil como um mapa na escala 1:1; isto é, um mapa do tamanho da superfície que ele descreve, seria totalmente inútil. Do mesmo modo, se eu lhes contasse o conteúdo do livro detalhadamente, além de precisar escrever um livro, e não de poucas páginas, este artigo se tornaria imediatamente inútil. É melhor, então, nos concentrarmos em alguns fatos que consideramos mais importantes ou talvez mais curiosos da história da relação entre a Economia e a felicidade. Estamos na Grécia, na Grécia antiga de Sócrates, de Platão e principalmente de Aristóteles. Foi este último que amadureceu de um modo inovador a reflexão sobre o conceito de felicidade, que ele chamava de *eudaimonia*. O ponto central da posição aristotélica é que a felicidade, pela sua própria natureza, é "social". «Um homem feliz – diz Aristóteles – precisa de amigos»; entendendo por isso que uma vida pode ser feliz somente se for vivida de acordo com as virtudes e, de modo especial, com as virtudes políticas, características da *polis*, da comunidade civil. Deste conceito começa a emergir o lado paradoxal da felicidade: para sermos felizes, precisamos da virtude da amizade, do amor e do empenho político; mas se nós buscamos essas virtudes em vista da felicidade, elas deixam de ser virtudes genuínas e, portanto, não atuam em favor da nossa felicidade. Ela chega somente se não a buscamos diretamente e de modo instrumental.

Encontraremos esta natureza paradoxal mais tarde, nas reflexões cristãs – de Santo Agostinho a Santo Tomás – que coloca no centro do pensamento um Deus que "morre na cruz como um malfeitor, uma cruz que se tornará ícone de todo paradoxo". Aqui começa a se desenvolver uma nova idéia de sujeito como alguém que não está fechado em si mesmo, mas que, por sua natureza, é *relação*.

Uma idéia que, infelizmente, permanecerá infecunda por muitos séculos e que o parênteses extraordinário do humanismo civil, atuante

na Itália do século XV, não conseguirá resgatar definitivamente. A idéia crucial é bem expressa por Coluccio Salutati quando escreve que «as duas coisas mais doces na terra são os amigos e a pátria... provendo, servindo, preocupando-se com a família, com os filhos, com os parentes, com os amigos, com a pátria que tudo abraça, você não pode deixar de elevar o seu coração ao céu e agradecer a Deus». Assistimos, assim, à revalorização da dimensão horizontal da vida, da qual depende também a dimensão vertical. A qualidade da vida, inclusive a vida espiritual, depende da qualidade dos relacionamentos com os outros, dos relacionamentos estabelecidos na *civitas*, isto é, dos relacionamentos civis.

Esta visão dos relacionamentos interpessoais como caminho privilegiado que conduz à felicidade, inevitavelmente define a modernidade. Maquiavel, Hobbes e Mandeville são os profetas de um modelo social baseado no individualismo, no interesse próprio e na força. O homem moderno é caracterizado – para estarmos com Kant – por uma "insociável sociabilidade". Não pode prescindir dos outros, mas os considera um perigo em potencial. Disso surgem os grandes monstros, autoridades superiores, os estados aos quais cada cidadão cede parte de sua liberdade em troca de uma segurança física e, em um aspecto mais geral, da garantia do respeito aos seus direitos. Entende-se, então, a enorme diferença entre esta visão atomística e individualista e a visão do humanismo civil. Contudo, a modernidade será a matriz cultural que dará origem à nova ciência econômica.

Pouco tempo antes que Adam Smith tenha entregue à gráfica a sua Teoria dos Sentimentos Morais, em Nápoles foi instituída a primeira cátedra de Economia registrada na história. Esta cátedra foi confiada ao abade Antonio Genovesi, figura de destaque do Iluminismo Napolitano. O interesse público não entra em conflito com o interesse privado; o mercado é o espaço no qual há a troca do supérfluo pelo necessário e no qual há o apoio recíproco; a confiança é a principal característica da sociedade e o motor do comércio. Essas são algumas das ousadas posições elaboradas por Genovesi que, partindo de um modelo antropológico radicalmente oposto ao modelo de natureza hobbesiana, vê no comércio um fator de civilização. Naqueles anos desenvolveu-se a analogia entre as leis da mecânica celeste e as leis da convivência social; eis que a maioria dos autores associa a lei da gravidade universal da mecânica ao

Luigino Bruni

l'economia la felicità e gli altri

un'indagine su beni e benessere



Città Nuova

desejo de ganhar e viver feliz. A manobra de Genovesi neste campo é genial. Demonstrando uma profunda compreensão da teoria newtoniana, associa à lei da gravidade universal o desejo humano de reciprocidade: assim como os planetas se atraem um ao outro com o aumento da massa e a redução da distância, a reciprocidade nos torna solidários de maneira proporcional à “distância social”. Antes e mais intensamente com as pessoas unidas pelo sangue e, progressivamente, com as pessoas do mesmo convívio, do mesmo país, etc.

Passamos do iluminismo napolitano ao escocês. Reencontramo-nos lançados na Glasgow de David Hume e Adam Smith. Depois encontramos John Stuart Mill e sua influente esposa e, por fim, chegamos às margens do Cam, entre as torres e os gramados das escolas de Cambridge, onde episódios intelectuais unem personagens bastante distantes, como Alfred Marshall e Amartya Sen. Constatamos, então, como foi que, na metade do século XIX, “terminou na economia, a breve estação da felicidade”. A partir daquele período, assistiremos à eclipse do binômio “felicidade como fim, riqueza como meio” e ao surgimento do conceito “riqueza como meio e, portanto, como fim em si mesma”. A chamada “revolução marginal, do fim do século XIX muda a ênfase para o sujeito econômico e suas escolhas. O motor das escolhas passa progressivamente da felicidade à utilidade e, depois, desaparece completamente. Não interessa mais saber porque se fez o que se fez; para que a economia se torne científica, afirma Pareto, é necessário que nos concentremos na observação. Basta-nos observar as escolhas e que essas escolhas sejam coerentes. Isso é tudo o

que a economia precisa saber sobre a pessoa. O resto é “metafísica”. O que se seguiu foi uma história de incrível desenvolvimento intelectual, técnico e formal, mas também de um contemporâneo distanciamento da realidade. O divórcio entre a Economia e a felicidade, que aconteceu com Pareto, é o símbolo de uma ciência que deixa de observar e começa a criar uma realidade própria. Não faz muito tempo que esta tendência regressiva e auto referencial foi desmascarada e parcialmente redimensionada.

É a este ponto que assistimos a uma forte retomada do interesse pelo tema da felicidade na Economia. Livros, ensaios, revistas especializadas, congressos, um Prêmio Nobel, etc.. Luigino Bruni nos ilustra habilmente e nos leva a penetrar nos complexos tratados das tentativas modernas, de novos filões de pesquisa; e percebemos como nas antigas inspirações, que como um rio, depois de terem tido o próprio curso subterrâneo por séculos, agora emergem.

Chegamos, assim, à última etapa desta viagem. Como um competente crítico de livros de suspense que jamais revela o final, também eu me sinto tentado a deixar a surpresa para o leitor, não revelando o assunto do último capítulo. Impressionou-me este epílogo – devo admitir – porque em vez de fechar o livro ele, literalmente o abre; porque nos damos conta que a solução para muitos paradoxos da felicidade nós a encontramos fora, fora de nós mesmos, nos outros. Não é por acaso que o título do livro é *A felicidade e o outro*, no sentido último, se bem compreendo, de que as duas palavras são inseparáveis. Também Aristóteles afirmou que não há felicidade sem os outros.

As razões são explicadas no oitavo e no último capítulo do livro, que no entanto já as entrevimos enquanto passávamos pelas páginas, e nos havíamos sido sugeridas por Aristóteles, Genovesi, Mill, Marshall...

Chegamos ao final do artigo. Um pouco sem fôlego, terminamos esta “corrida” entre as apaixonantes idéias que ligam a economia à felicidade. Naturalmente a velocidade da corrida nos levou a perder vários detalhes e muitos aspectos importantes. Faço votos, porém, que tenha suscitado em vocês a vontade de um “passeio” mais tranqüilo e decididamente mais agradável por este mesmo cenário, desta vez, com Luigino Bruni, nas páginas do seu livro.



As inúmeras qualidades do azeite de oliva

Nas comemorações dos 110 anos do moinho *Frantoio del Podere Bevere*, a família Abbo organizou em Ceselle, próximo a Turim (Itália), no dia 26 de setembro passado, um simpósio internacional que teve por título: «Atualização dos resultados da pesquisa científica sobre os aspectos nutritivos e salutareos dos azeites virgens de oliva e os novos métodos para determinar a sua qualidade».

A empresa Abbo, produtora e distribuidora de azeite de oliva, cuja qualidade tem a certificação de vários prêmios em reconhecimento pela sua qualidade (na Itália e em outros países europeus), participa do projeto Economia de Comunhão desde o início. A idéia do simpósio surgiu para oferecer ao departamento de produção, aos produtores, às empresas distribuidoras e aos clientes, informações úteis à produção e ao consumo consciente do azeite de oliva extra virgem. De fato, trabalhando diariamente nesse setor, percebemos que as suas bases estão minadas por políticas pouco claras, seja do ponto de vista normativo, seja comercial, criando condições de concorrência desleal que estão levando ao desemprego, principalmente no sul, além de graves problemas ambientais, com a erradicação de plantações não mais rentáveis.

Durante a preparação do simpósio a família conseguiu se organizar em equipe, dividindo os trabalhos entre Isabella e Jean, os jovens, que amadureceram a idéia e entraram em contato com cientistas e jornalistas, envolvendo instituições e associações da categoria, com a supervisão e a experiência de Giampaolo e Annie.

Apesar de todas as dificuldades que surgiram, como, por exemplo, o extravio da passagem aérea de um dos palestrantes, no dia anterior ao início do congresso, conseguiu-se organizar algo diferente, não apenas pelos assuntos tratados, mas pelo ambiente criado: para nós foi uma surpresa ver, na noite anterior ao congresso, os palestrantes – que são os melhores médicos pesquisadores e cientistas no cenário italiano e internacional – entusiasmados com a própria participação, seja pela acolhida, seja pela atmosfera familiar que encontraram.

Percebemos que, para muitos deles, esta foi uma oportunidade para se conhecerem pessoalmente, visto que até aquele momento havia uma estima recíproca baseada somente no apreço dos trabalhos desenvolvidos no campo científico.

O jantar tornou-se um “congresso dentro do congresso”, com um formidável intercâmbio de informações e de experiências, ao qual assistimos com felicidade e

até com um pouco de orgulho, pois só por isso já daria para perceber que estávamos promovendo algo válido.

O congresso contou com o apoio da Corporação dos Produtores de Azeite e da Academia Nacional da Oliveira e do Azeite, duas importantes organizações sem fins lucrativos que difundem informações corretas sobre o produto.

Os palestrantes centralizaram suas exposições sobre os efeitos benéficos do azeite e sobre as suas inesgotáveis e múltiplas aplicações no campo da medicina. Por exemplo, as propriedades do azeite extra de oliva de qualidade atuam como um excelente meio de prevenção de graves doenças, justamente por sua característica “anti-oxidante” contra os “radicais livres” responsáveis por muitas das mais graves doenças modernas, como as neoplasias e as doenças cardiovasculares.

São muito interessantes também as propriedades dos componentes do azeite de oliva, particularmente adequadas à nutrição de crianças e de idosos bem como os novos métodos de análise capazes de certificar a genuinidade e a qualidade do produto.

O quadro oferecido aos agentes sanitários, da informação, aos empresários da gastronomia e até mesmo aos produtores de azeite de qualidade participantes do congresso, não foi somente aquele de informar as mais recentes descobertas científicas sobre o produto, mas foi uma ótima ocasião para se estabelecer propostas e reflexões comuns, úteis para incentivar as instituições a uma atualização das normas, a promover o consumo com campanhas apropriadas e a orientar as pesquisas estimulando a divulgação de seus resultados.

Para tratar desse tema, o congresso contou com o deputado Teresio Delfino, subsecretário do Ministério das Políticas Agrícolas e Florestais, com a coordenação do doutor Fausto Lucchetti, especialista internacional da olivicultura e diretor demissionário do Conselho Internacional dos Óleos comestíveis, um dos setores das Nações Unidas.

O congresso revestiu-se de um significado singular por ter oferecido à olivicultura italiana um novo futuro, para tirar da crise um setor em dificuldades, para dar a todos a consciência do extraordinário potencial deste produto natural: seja no campo econômico, no qual garante novos postos de trabalho, seja no campo social, no qual pode contribuir concretamente para o bem estar das pessoas graças às propriedades demonstradas, seja no aspecto hidro-geológico, porque a oliveira, com a sua estrutura de raízes, estabiliza o terreno, atenuando eventuais calamidades.



Annie Abbo
abbo@cnet.it

Diálogo com os leitores

**Bolsas de estudo para
o Instituto Superior de Cultura**

O Instituto Superior de Cultura, inaugurado por Chiara Lubich em agosto de 2001, em seus primeiros anos, dirigiu suas atividades a estudantes universitários e a jovens recém-formados provenientes dos cinco continentes, com três cursos de verão, de 15 dias cada um, com o título: *Um humanismo para o terceiro milênio*. Nesses cursos, o Instituto ofereceu uma formação global e interdisciplinar inspirada na experiência espiritual e social do Movimento dos Focolares.

O objetivo dos cursos do Instituto Superior de Cultura (ISC) é oferecer uma chave de leitura para o atual período de transição histórica que estamos vivendo, considerando os desafios fundamentais que dele emergiram, como por exemplo, o próprio sentido da pessoa humana, a questão da compreensão e gestão do pluralismo e das diferenças em todos os níveis, e a globalização, entendida em um sentido mais amplo e profundo do que simplesmente econômico, como a irrefutável abertura de uma nova época histórica: a da mundialização do destino da humanidade.

O ISC ambiciona configurar uma proposta cultural unitária e, ao mesmo tempo, articulada nas várias expressões do saber e da ação, fundamentada na visão integral da pessoa na sua constitutiva vocação ao diálogo e à comunhão; radicada na tensão originária do homem a Deus e no caminho da comunicação de Deus com os homens, que abraça todos os tempos e todas as culturas, e encontra o seu cumprimento em Jesus Cristo; o qual revela plenamente o homem ao homem, chamando-o a realizar dinamicamente a imagem do Deus trinitário na história em todas as expressões da sua existência.

O programa estabelece itinerários interdisciplinares da teologia à filosofia; das ciências humanas às ciências naturais; da economia a politologia; da criação artística às comunicações sociais; e seu corpo docente é constituído por estudiosos de várias disciplinas, membros do Centro Interdisciplinar de Estudos "Escola Abbá" do Movimento dos Focolares, que começou sua existência no início dos anos 90.

A partir de 2003, o ISC abriu-se aos países em via de desenvolvimento, e o nosso projeto é dedicar uma especial atenção à presença deles no quarto curso – em agosto de 2004. Pergunto-me se as empresas da Economia de Comunhão, e as pessoas que de várias maneiras acompanham este projeto, não poderiam contribuir de alguma forma para viabilizar a participação de estudantes com particular desempenho dos países em via de desenvolvimento que, de outro modo, encontrariam grandes dificuldades econômicas para garantir a própria presença.

Prof. Piero Coda
Reitor do Instituto Superior de Cultura

Alberto Ferrucci

artberto.ferrucci@prometh.it

Parece-me que este convite deve ser seriamente levado em consideração: o projeto EdC nos convida a destinar um terço dos nossos lucros à difusão da cultura da partilha e, a meu ver, a proposta de Piero Coda responde plenamente a esta finalidade. O dar desinteressado na economia só pode ser consequência de uma visão mais ampla, que envolve toda a pessoa humana.

O curso de verão deste ano pretende receber 50 estudantes e gostaríamos que boa parte fosse proveniente dos países em via de desenvolvimento: a presença deles seria muito importante, não apenas para eles mesmos, mas para o crescimento em cidadania de todos.

O ISC poderá oferecer toda a documentação necessária para o processo fiscal. Assim convido as empresas da EdC e também as pessoas que acompanham este projeto a "apadrinharem" um desses 50 estudantes, oferecendo-lhe uma bolsa de estudos no valor de 1.500 Euros, quantia necessária para cobrir a passagem e a estada na escola.

As pessoas interessadas podem entrar em contato com este Noticiário, pelo e-mail: albertoferrucci@prometh.it – tel: 010-542011 (Itália).

Um empresário da EdC de Portugal

A minha empresa, PORTECTOOL Ltda. produz protótipos e moldes para a indústria automobilística, elétrica, da construção civil, da área técnica, de brinquedos e outros.

Dispensamos a máxima atenção para otimizar cada projeto a fim de obter a qualidade e a vida útil requeridas pelo cliente, estudando soluções completas, desde o desenvolvimento do produto até a injeção e a montagem das peças de plástico.

Quero oferecer a minha colaboração de modo especial às empresas que, como a minha, participam do projeto da Economia de Comunhão, inclusive de outros países. Vocês podem me ajudar?

**Jorge Tavares**

Marinha Grande – Portugal
tel/fax: +351 244551015
e-mail: portectool@vizzavi.pt
web: www.portectool.com

Ficamos felizes por difundir esta disponibilidade a todos os nossos leitores e empresários. Recentemente um empresário italiano, valendo-se da sua credibilidade pessoal, deu uma enorme ajuda a uma empresa EdC da Argentina, para que esta conseguisse exportar os seus produtos para a Itália.

A colaboração desinteressada entre as empresas EdC nos vários países do mundo é um dos testemunhos mais belos e um caminho concreto para gerar uma rede internacional de comunhão.



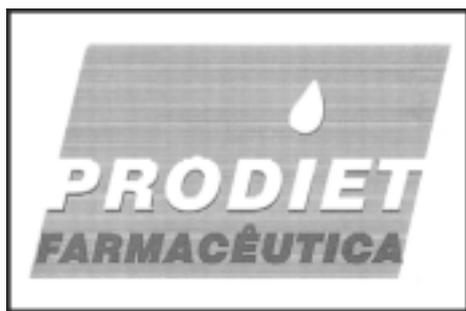
**ESPALHANDO
SEMENTES
DE ESPERANÇA**

Rua Rangel Pestana, 850
Centro – Piracicaba – SP
Telefax: (19) 3434-2888
zaclivros@terra.com.br

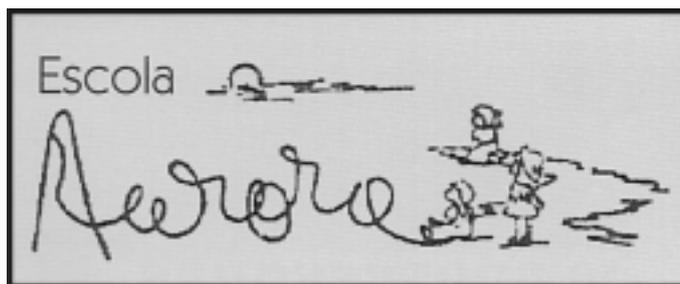


**Solicite contato com nossos
representantes
ou visite nossa fábrica**

Estrada Água Espraiada, 5536
Pólo Empresarial Spartaco
06700-000 – Cotia – SP
Fone: (11) 4611-3366
Fax: (11) 4611-4080
avn@avnembalagens.com.br
www.avnembalagens.com.br



Estrada da Água Espraiada, 5.400
Pólo Empresarial Spartaco
Aguassai – Cotia – SP
Fone: (11) 7921-1853
(11) 7921-2130



**Educação Infantil
Ensino Fundamental
Ensino Médio**

Rua Maria A. de Oliveira, 83
Jardim Floresta
06730-000 – Vargem Grande Paulista – SP
Telefax: (11) 4158-3028



Praça João Pessoa, s/n – Mini-Shopping
Itabaiana – SE – Telefax: (79) 431-2016



Av. Major Gabriel, 1080 – Centro
69992-060 – Manaus – AM
Fone: (92) 622-4000
Fax: (92) 622-1230

LÁPIS & PAPEL
PAPELARIA

BOTUCATU

Uma papelaria com idéias novas!

fax • xerox • plastificações
agência de correios franqueada

Rua Amando de Barros, 847
Botucatu – SP
Telefax: (14) 6822-0626



AC Cardoso & Associados
Consultoria e Treinamento

Rua Ceramista Roberto Weiss, 203 – Jardim das Colinas
12242-160 – São José dos Campos – SP
Telefax: (12) 3923.5320
www.accardoso.com.br • accardoso@uol.com.br